

Literatura de Cordel

**O MURRO QUE ZÉ MARCHANTE  
DEU NO BÊBADO QUE LAMBUZAVA  
A ÁGUA DO RIO**

Antônio Vieira



Aos Leitores:

A necessidade de superar suas próprias limitações tem levado os homens a cometer prodígios e absurdos: quantas vezes vidas não foram salvas espetacularmente por que uma pessoa simples, pacata, daquelas que ninguém dava nada por ela, mas que teve a coragem de se lançar ao mar, em águas profundas de um rio cheio; entrar num prédio pegando fogo; expor-se ao perigo para salvar alguém que se afogava ou estava prestes a perder a vida em um acidente ou tragédia? Na refinaria Landulfo Alves, um dia, Maior, homem do povo, conseguiu fechar uma válvula, localizada num local de difícil acesso, evitando que houvesse uma grande explosão, o que seria uma verdadeira tragédia, naquela unidade da Petrobrás.

Contudo, a mesma necessidade de notoriedade e auto afirmação que faz alguém se arriscar para salvar uma vida, por outro lado, faz também o individuo sair do normal: beber em demasia, consumir drogas, e brigar por motivo fútil, apenas para mostrar para os outros que é corajoso, destemido, capaz... mesmo tendo pela frente um adversário fraco e/ou que não é de briga.

O marchante era um sujeito bom, amigo, brincalhão, prestativo. Sua principal atividade econômica era matar porco (suíno) para abastecer algumas vendas, da avenida ou, vender no mercado municipal. Entretanto, quando não estava cuidando disso, trabalhava até de ajudante de pedreiro principalmente para seu amigo Ariston. Não era de beber muito, mas, em determinados dias, depois de tomar algumas doses de cachaça crua (natural), assumia uma postura totalmente diferente daquela do dia a dia: postura de valentão, de perverso, de cangaceiro e, além de contar muitas bravatas e fanfarrônicas, chegava a ir as via de fato, sobretudo contra pessoas pacatas, e indefesas, que não eram de briga, a exemplo de um bêbado que tomava banho no rio Subaé ou de seu amigo "Remundo" que, nessas horas, se transformava em principal e eterno desafeto.

Por outro lado, vez por outra, ele encontrava uma "forma para o pé" e se dava mal: foi o que aconteceu quando ele se deparou com "o sertanejo que ia pegar o trem". Não se tem notícia de que ele matou alguém ou o feriu gravemente. A opinião daqueles que o conheceram mais de perto é uma só: "suas arruaças não passavam de bravatas, fanfarrônicas, pura necessidade de aparecer, de superar suas próprias limitações.

Antônio Vieira

Segundo Luiz Gonzaga  
E isso ele comprovou  
Todo lugar tem que ter  
O seu próprio tocador  
De sanfona ou de viola  
Não importa se ele sola  
Importante é dar o show

Em cada lugar tem um  
Mas não é só tocador  
Jogador, doido, valente  
Mentiroso, falador  
Personalidades raras  
Pra tudo quanto é tara  
Tem um admirador

Uns se tornam conhecidos  
Até da cidade inteira  
Por cometer absurdos  
Promover muitas asneiras  
Contudo existem outros  
Conhecidos muito pouco  
Sua fama é mais maneira

O marchante foi um desses  
Que a fama de valentão  
Quase que se restringiu  
A seu próprio quarteirão  
Promoveu muito arruaça  
Todo fruto da cachaça  
E da má educação

Até que o marchante  
Descendente de caboclo  
Bebia pouca cachaça  
Ou seja, bebia pouco  
Toda sua valentia  
Era pura fantasia  
Para aparecer pros outros

Aliás isso é comum  
Vai da personalidade  
Tem pessoas que precisam  
Conquistar notoriedade  
Sair do anonimato  
Atingir o estrelato  
Atender a vaidade

Esse detalhe é tão claro  
Que o povo já dizia  
A quem queria aparecer  
E tudo pra isso fazia  
Que fizesse um esforço  
Amarrasse no pescoço  
Uma grande melancia

E o intelectual  
Quando via alguém estar  
Necessitando aparecer  
Independente do lugar  
Dizia que o amigo  
Estava acometido  
Da doença N.A.

O marchante era dos tais  
Que não perdia ocasião  
De fazer uma farromba  
Aprontar uma confusão  
No lugar onde ele estava  
Normalmente ele brigava  
Se metia a valentão

Qualquer que fosse o assunto  
Ele logo se entrosava  
Quando dava opinião  
Normalmente exagerava  
Sobretudo se o caso  
Lhe dava status de brabo  
Aí ele se espalhava

A começar pela faca  
Que ele chamava de "laiga"  
Faca nenhuma no mundo  
Com ela não tinha vaga  
Podia ser um porquinho  
Ia até o gorgominho  
O bicho sequer chiava

Se fosse gente então  
Aí perdia a estribeira  
Somente em ver a "laiga"  
Nego dava tremedeira  
Fazia muita careta  
Se metia em qualquer greta  
Chegava a ter caganeira

Pra tirá-la da cintura  
Cumpria um ritual  
Olhava para os lados  
O ambiente ideal  
Depois bem devagarinho  
Puxava-a com carinho  
Um cuidado sem igual

Quando ele estava agitado  
Passava a "laiga" no chão  
Chegava sair faísca  
Fazia até um clarão  
Ninguém ousava ficar  
Por perto ou perguntar  
O porquê da alteração

Mas apesar da valentia  
Das brigas que ele travou  
A maioria perdeu  
A não ser as que contou  
Quando fazia viagem  
Só contava as vantagens  
E nunca que apanhou

Ele tinha um costume  
Que a maioria aderiu  
No Domingo de manhã  
Tomava o banho no rio  
Para tirar a ressaca  
Porque sábado a cachaça  
Foi pra mais de um barril

Na manhã de um Domingo  
E isso não foi bem cedo  
Ele chegou no balneário  
E lá encontrou um "bebo"  
Que uma vez dentro d'água  
Tomava banho e sujava  
Fazia um panavoeiro

O marchante não gostou  
Do que tinha visto ali  
Falou então para o "bebo"  
"Eu vou tomar banho aí  
Não "bunze" a água, não  
Vista logo seu calção  
E vá embora daqui

Mas todo "bebo" é teimoso  
Cheio de muita picuinha  
Respondeu: "o rio não é seu,  
O rio é da marinha  
Fico até quando quiser  
Você não é minha mulher  
E nem rapariga minha

O marchante irritou-se  
Mas não tirou da bainha  
A "laiga" tinha trazido  
Mas viu que não lhe convinha  
Limitou-se a repetir  
"Se foi isso que ouvi  
O rio é da Marinha".

O "bebo" ainda ficou  
Muito tempo se banhando  
As águas do Subaé  
Ele estava lambuzando  
Mergulhava e pulava  
Do fundo do rio soltava  
Sujeira que ia boiando

E depois de muito tempo  
Ele resolveu sair  
Mas ao botar o pé fora  
Foi obrigado a cair  
O marchante deu um murro  
Ele chegou dar um urro  
Fora duro ao punir

Aí então o Faustino  
Embaixo do arvoredos  
Levantou-se de um salto  
Para defender o "bebo"  
"Você é muito covarde  
Por ter tido a coragem  
De bater num homem "bebo!"

Faustino estava ali  
Tomando conta do "bebo"  
No caso de se afogar  
Ele lhe dava arrego  
Era um parente seu  
Quando o marchante bateu  
Reagiu mesmo com medo

Faustino já conhecia  
Sua fama de valente  
E por isso não queria  
Bater com ele de frente  
Só tomou essa atitude  
Zelando pela saúde  
Protegendo o parente

O marchante nessa hora  
Pegou no cabo da faca  
Pensando que o Faustino  
Vinha de lá com a taca  
"Nele eu bati por tá "bebo",  
Mas em você, seu "pelego"  
Vou bater por pura raça!"

Enquanto dizia isso  
Puxou de vez a peixeira  
Faustino ao ver aquilo  
Abriu em louca carreira  
Saiu levando no peito  
O assa-peixe do eito  
Que tinha no beira rio

Segundo o próprio marchante  
Que contou essa jornada  
Faustino chegou abrir  
Uma extensa picada  
Mas parecia um trator  
Fazendo a todo vapor  
A pista de uma estrada

Aquele que tomou banho  
No tempo em que o Subaé  
Tinha Águas cristalinas  
O leito não dava pé  
Não esqueceu da beleza  
Invenção da natureza  
Obra de Deus, ele é

Vendo o rio quase morto  
Insalubre e sem trato  
Entregue ao abandono  
Isso acontece de fato  
Responsáveis são aqueles  
Administradores fracos

**FIM**